

O “SILÊNCIO” DA CIÊNCIA DA SOCIEDADE EM MEIO A UMA CRISE

LUÃ RODRIGUES SILVEIRA¹; FERNANDA ESTIVALET PESKE²; LEO PEIXOTO RODRIGUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – luarodriguessilveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandapeske@gmail.com

³Leo Peixoto Rodrigues – leoheizoto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O advento da pandemia de Covid-19, provocada pelo vírus SARS-CoV-2, colocou em xeque a capacidade das sociedades contemporâneas de responder a crises globais. Além do devastador efeito sanitário, a crise expôs desigualdades históricas e trouxe à tona a necessidade de medidas coletivas de mitigação. Entre elas, o distanciamento social destacou-se como a principal estratégia não farmacológica indicada pelas ciências biomédicas (SILVEIRA, 2023). Entretanto, a implementação dessa medida não poderia ser compreendida apenas como questão biomédica. Tratou-se de um fenômeno também social, envolvendo comportamentos coletivos, condições socioeconômicas, desigualdades territoriais e resistências culturais. Nesse sentido, esperava-se que a Sociologia tivesse um papel central, ao lado das ciências da saúde, na compreensão e operacionalização de políticas públicas de enfrentamento da pandemia.

Os autores Lacerda, Rodrigues e Costa, ainda no ano de 2021, apontaram para um suposto “vazio científico”; a Sociologia não teria assumido um lugar de protagonismo técnico-científico durante a pandemia, especialmente no que se refere ao distanciamento social. Essa hipótese motivou a presente pesquisa, cujo objetivo foi investigar a contribuição científica efetiva da Sociologia à eficácia do distanciamento social no Brasil, por meio da análise da produção acadêmica em periódicos de excelência (Qualis A1 – CAPES).

2. METODOLOGIA

A pesquisa utilizou abordagem quanti-qualitativa, estruturada em duas grandes fases.

Na primeira etapa, foi realizado um levantamento de todos os periódicos brasileiros classificados como A1 em Sociologia pela CAPES (Quadriênio 2013–2016), totalizando 18 revistas. Entre fevereiro de 2020 (início da emergência sanitária no Brasil) e abril de 2022 (encerramento da emergência), foram publicados 788 artigos.

Para reduzir o universo empírico, aplicaram-se filtros metodológicos: a) Busca por palavras-chave gerais (confinamento, quarentena, isolamento social, contenção comunitária, distanciamento social, aglomerações, emergência sanitária, SARS-CoV-2, coronavírus, pandemia, Covid-19, lockdown), b) na fase seguintes avançamos na busca utilizando termos mais específicos ligados às políticas sanitárias de movimentação e de contato interpessoal (“isolamento social”, “quarentena”, “confinamento” e “lockdown”), esse recorte reduziu a amostra para 75 artigos (9,5%).c) nos critérios qualitativos finais, leitura dos parágrafos específicos da citação, somente artigos que analisavam diretamente o Brasil, tinham autoria de sociólogos(as) e tratavam especificamente de políticas de isolamento social. Restaram 9 artigos, submetidos à Análise de Conteúdo (CRESWELL, 2007).

Na segunda etapa, os 9 artigos foram analisados qualitativamente, a partir de categorias analíticas pré-definidas, como: defesa do isolamento como objeto sociológico, proposições de políticas públicas, análise de desigualdades sociais e efeitos colaterais do distanciamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada revelou um panorama significativo acerca da produção sociológica brasileira no auge da pandemia de Covid-19. Dos 788 artigos publicados em periódicos de Sociologia classificados no estrato A1 da CAPES entre fevereiro de 2020 e abril de 2022, apenas 154 trabalhos (19,5%) mencionaram, de algum modo, a pandemia ou termos relacionados, como “Covid-19”, “emergência sanitária” e “SARS-CoV-2”. Esse dado já indica, de partida, um envolvimento relativamente baixo da área com o tema, considerando a gravidade e a centralidade da crise sanitária.

Quando o recorte foi direcionado para termos diretamente vinculados às medidas de distanciamento social – “isolamento social”, “quarentena”, “confinamento” e “lockdown” –, o número de trabalhos reduziu-se para 75 artigos (9,5%). Desse conjunto, apenas 9 artigos preencheram os critérios qualitativos estabelecidos: análise empírica sobre o Brasil, autoria de sociólogos(as) ou pesquisadores(as) da área e discussão direta das políticas de isolamento.

O dado mais expressivo é que, entre esses 9 artigos analisados qualitativamente, a maioria limitou-se a uma abordagem descritiva das desigualdades e problemas sociais agravados pela pandemia, como questões de gênero, raça, segregação urbana, desemprego e informalidade. Embora relevantes, tais análises não avançaram para proposições que pudessem auxiliar concretamente na efetividade das medidas de distanciamento social, permanecendo no campo da problematização e da crítica.

Dos trabalhos examinados, apenas dois artigos apresentaram proposições específicas que poderiam contribuir para o aprimoramento das políticas de isolamento. O primeiro, “Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero”, destacou como o confinamento exacerbou situações de violência contra mulheres e sugeriu medidas de enfrentamento articuladas às políticas sanitárias (MALTA et al., 2021). O segundo, “Trabalho e família de trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia: uma análise interseccional”, problematizou a vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas e indicou alternativas para mitigar os efeitos sociais do lockdown nesse grupo (VALERIANO; TOSTA, 2021).

A constatação de que, em um universo de 788 artigos, apenas 0,18% do total (considerando projeções para todos os extratos Qualis) apresentaram contribuições efetivas para a eficácia do distanciamento social, evidencia o que aqui se denomina de um “silêncio científico” da Sociologia. Mesmo diante de uma crise essencialmente social, a disciplina não consolidou produção empírica e propositiva à altura de sua expertise. Dessa forma, a pesquisa demonstra que, em um momento no qual a contribuição da Sociologia poderia ser decisiva para compreender resistências coletivas, desigualdades estruturais e barreiras culturais à adesão às medidas sanitárias, sua participação se revelou marginal. A ausência de uma *produção propositiva* não apenas limitou a interlocução

interdisciplinar da Sociologia com a epidemiologia, mas também reforçou a percepção de que a disciplina permaneceu mais próxima da denúncia crítica do que da proposição técnica.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou que a Sociologia brasileira teve uma baixa participação empírica e propositiva na análise do distanciamento social durante a pandemia de Covid-19. Apesar de sua legitimidade como ciência do social, sua contribuição técnico-científica foi limitada e pouco efetiva diante da magnitude da crise.

Essa ausência reforça a necessidade de avançar em direção a uma Sociologia Propositiva, que vá além da crítica e da descrição, assumindo um papel mais ativo na formulação e no acompanhamento de políticas públicas. O silêncio evidenciado pela pandemia serve como alerta: em contextos de crise, a ciência da sociedade não pode se furtar ao dever de dialogar tecnicamente com outras disciplinas para mitigar problemas coletivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, A.; RODRIGUES, L. P.; COSTA, R. Ciência, pandemia e lockdown: o lugar vago da Sociologia. **Revista Simbiótica**, v.7, n.1, 2021.

MALTA, D. et al. Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero. **Sociedade e Estado**, v.36, 2021.

SILVEIRA, L. R. **Sociologia no decorrer da crise: a contribuição técnico-científica da Sociologia à eficácia do lockdown durante a pandemia de Covid-19 no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS, Universidade Federal de Pelotas.

VALERIANO, L.; TOSTA, M. Trabalho e família de trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia: uma análise interseccional. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v.21, 2021.